



CADERNOS
DE ESTUDOS
SEFARDITAS



1º SEMESTRE 2019

Cadernos de Estudos Sefarditas

DIRECTORA

Maria de Fátima Reis

COMISSÃO CIENTÍFICA

Béatrice Perez

Bruno Feitler

Francesco Guidi-Bruscoli

François Soyler

Jaqueline Vassallo

Filipa Ribeiro da Silva

COMISSÃO EDITORIAL

Carla Vieira

Miguel Rodrigues Lourenço

Susana Bastos Mateus

© Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Design da capa: João Vicente

Paginação: Rodrigo Lucas

Tiragem: 100 exemplares

Impressão: LouresGráfica

Data de impressão: Maio de 2019

Depósito legal: 426885/17

ISSN: 1645-1910

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Telef. +351 21 792 00 00

cadernos_sefarditas@letras.ulisboa.pt

<http://cadernos.catedra-alberto-benveniste.org>

Índice

Nota editorial	7
PARTE I – DOSSIER: JUDEO-CHRISTIAN SEPHARDIC AND IBERIAN IDENTITIES. GUEST EDITOR: CLAUDE STUCZYNSKI	
CLAUDE B. STUCZYNSKI – Introduction: What does “Judeo-Christianity” mean in Late Medieval and Early Modern Iberia?	11
ERIKA TRITLE – Many Rivers, One Sea, and the Dry Land: Jews and Conversos in the Political Theology of Alonso de Cartagena	35
NADIA ZELDES – Arguments for a Judeo-Christian Identity in the Writings of Antonio de Ferrariis: Pro-Converso Polemics in Southern Italy	55
AXEL KAPLAN SZYLD – Motivos judeo-cristianos en el pensamiento de Fray Luis de Granada (1504-1588)	81
RONNIE PERELIS – Turning and Turning Towards the Lord: Protestant Ideas and the Religious Journey of Manoel Cardoso de Macedo from Old Christian to Calvinist to Jew	99
ALEXANDER VAN DER HAVEN – Jewish-Christianity and the Confessionalization of Amsterdam’s Seventeenth-Century Portuguese Jewish Community ...	117

PARTE II – ARTIGOS

ELEAZAR GUTWIRTH – *Judeo-Mudéjar?*: Identities, Letters and Numbers in Toledan Synagogues 147

MARCUS VINICIUS REIS – “Porque sabe que as mulheres são amigas de novidades e curiosidades”: os géneros de mulher feiticeira e de cristã-nova a partir do processo de Simoa de São Nicolau 181

HUGO MARTINS – Os rabinos da comunidade judaico-portuguesa de Hamburgo entre 1652 e 1682 205

PARTE III – RECENSÕES

ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS – Anita Novinsky, *Viver nos tempos da Inquisição*, São Paulo, Perspectiva, 2018 231

CARLA VIEIRA E SUSANA BASTOS MATEUS – Jonathan Karp and Adam Sutcliffe, *The Cambridge History of Judaism*, vol. 7: *The Early Modern World, 1500-1815*, Cambridge, Cambridge University Press, 2018 235

Notas biográficas 245

Normas para submissão de artigos 249

Recensões

Anita Novinsky, *Viver nos tempos da Inquisição, São Paulo, Perspectiva, 2018, 364 pp. ISBN: 978-85-273-1144-1.*

O quanto de judeu há no luso mundo ou nos lugares por onde estendeu seus passos? Como a Inquisição moldou nossa história, construiu permanências e influenciou as crenças e identidades atuais? O que de cristão-novo existe no homem moderno? São suas afirmações ou conflitos internos que nos tornam seus herdeiros? O que deles nos faz ser ou negar o que somos? Em que sentido refletimos esta época? Questões que, se por um lado parecem bastante insólitas, fazem-se pertinentes no livro que aqui se apresenta, fruto de décadas dedicadas à investigação de uma das mais importantes historiadoras brasileiras.

Anita Waingort Novinsky, há tempos, é referência incontornável nos estudos sobre a Inquisição, os judeus e os cristãos-novos, mormente aqueles perseguidos pelo Santo Ofício na Modernidade portuguesa, com enfoque especial para o papel que estes judeoconversos desempenharam na formação

do Brasil. É reconhecida mundialmente como das grandes especialistas na história dos séculos de presença judaica e neoconversa no mundo ibérico e seus domínios. Foi, a bem dizer, ainda nos idos da década de sessenta, uma das inauguradoras e pioneiras no trabalho com as fontes do Tribunal do Santo Ofício, realizando admirável esforço de identificação e mapeamento, na Torre do Tombo, dos processos e documentação sobre os indivíduos do Brasil alcançados pelo braço inquisitorial – trabalho este que resultou em catálogos de fontes primárias que auxiliam fortemente a localização e identificação de suas trajetórias, e dá mostras do cuidado da historiadora em vasculhar arquivos em busca de informações, indícios, detalhes, nem sempre visíveis aos de olhar mais apressado, mas indispensáveis para o devir histórico, como se pode conferir em obras como *Inquisição: inventários de bens confiscados a cristãos novos* (Lisboa, Editora Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1978); *Inquisição: rol dos culpados. Fontes para a história do Brasil (século XVIII)* (Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1992); *Inquisição: Prisioneiros do Brasil*

– *séculos XVI a XIX* (Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2002); e *Gabinete de investigação: uma “caça aos judeus” sem precedentes* (São Paulo, Humanitas Editorial/Fapesp, 2007), obras que, ainda hoje, norteiam os investigadores do assunto em suas pesquisas. É também autora de vários livros, capítulos de livros, ensaios, artigos e publicações em geral sobre o tema, dedicando-se a compreender o mundo sefardita em suas nuances, seus personagens, as intolerâncias sofridas e as resistências possíveis naqueles tempos de medos e incertezas.

Em sua longa trajetória acadêmica, formou e ainda forma gerações e gerações de pesquisadores, influenciando aos que se aventuram a desenvolver estudos sobre a Inquisição e os descendentes de judeus de origem ibérica, capilarizando análises, sob os mais diversos pontos de vista e recortes historiográficos.

Exemplo máximo é *Cristãos-novos na Bahia*, publicado pela primeira vez – *pierszy raz*, em seu polonês de nascimento –, em 1972, livro inicial sobre o assunto, de certo, sua obra de maior destaque, e que continua sendo dos mais significativos estudos para os interessados em desvelar a diáspora sefardita e as estratégias de perseguição e/ou defesa ao elemento que, considerado impuro e ameaçador da fé católica, foi um dos grandes responsáveis pelo estabelecimento da Inquisição portuguesa nos idos de 1536 e das maiores vítimas de sua ação por quase três séculos de funcionamento, ao mesmo tempo em que este mesmo neoconverso desempenhava papel de figura enigmática para os anseios expansionistas

do reino, com os quais colaborou com capitais, conhecimentos, força e contatos, transformando os termos “português” e “judeu” praticamente em sinônimos mundo afora, chamando a atenção para a dimensão da presença cristã-nova nos esforços de dominação e formação da sociedade brasileira.

Foi nesta obra, aliás, que cunhou a definição do neoconverso como “homem dividido”, que não aceita o Catolicismo que lhe fora imposto, nem tampouco conhece a fundo o Judaísmo que lhe fora arrancado”, vivendo entre as duas crenças, não raro estranhando ambas, conforme as contingências, os interesses, os entendimentos e as possibilidades: “nem judeu, nem cristão, mas ‘cristão novo com a Graça de Deus’” (p. 162). A ideia do “homem dividido” e os dramas e estratégias de resistência dos neoconvertos perante as ameaças que sofriam, fossem ataques físicos ou pressões psicológicas de todos os tipos, ganharam desenvolvimento em seus inúmeros trabalhos seguintes, e ajudaram a firmar no Brasil os estudos sobre a Inquisição e suas vítimas, em especial as de origem judaica.

O livro que aqui se apresenta trata-se da mais recente obra de Anita Novinsky, publicado em novembro de 2018. Mas nem por isso – e nem vai aí qualquer sinal de crítica –, em certo sentido, tem cheiro de novidade: *Viver nos tempos da Inquisição* é uma espécie de coletânea de textos variados da autora, alguns já publicados em outros livros e revistas, outros ainda inéditos em formato impresso. Neste sentido, é, sim, novidadeiro, e muitíssimo bem-vindo para todos os que estudam a Modernidade e as

questões religiosas luso-brasílicas: a autora reuniu textos esparsos, alguns de difícil acesso, publicados em obras esgotadas, pouco conhecidas ou que não circularam pelo Brasil, acrescentou escritos e ensaios recentes, revisitou discussões apresentadas em conferências no país ou no exterior, ou trabalhos que não eram conhecidos em língua portuguesa, apresentados ou publicados originalmente em outros idiomas.

De certo modo, é, para além de uma obra sobre as dificuldades de se viver em épocas de exceção – e “viver nos tempos da Inquisição”, como grita o título, é um ato de resistência contra fanatismos e intransigências –, um belo relato sobre as sobrevivências que surgem das frestas; lido a contrapelo e visto sob o viés da maturidade, um amplo panorama da trajetória acadêmica da pesquisadora e da professora, e de como perseguiu com minúcia as estratégias para aprofundar suas análises.

Coincidência infeliz ou, antes disto, necessária função social do historiador na ocasião em que mais se precisa da consciência histórica, é que ao mesmo tempo em que se celebra uma obra que aprofunda os estudos sobre intolerância, estejamos mergulhados em momento em que os casos de fanatismo, de perseguição, de extremismo político e opressão cultural, de desrespeito contra as mulheres, os negros, os imigrantes e contra as minorias em geral fazem-se cada vez mais presentes, de variadas formas, seja no mundo, seja no Brasil em particular. Motivo ainda mais urgente a justificar a atualidade e a urgência deste trabalho.

O livro é composto por 29 capítulos e um posfácio. As temáticas são variadas, e vão

desde a crítica à historiografia inquisitorial, tema dos dois primeiros capítulos, a análises acerca do sentido da confissão na Inquisição; a ideologia do confisco de bens; as origens do marranismo; o papel desempenhado pelas mulheres no criptojudaísmo; a presença dos cristãos-novos na América portuguesa; a ação da censura inquisitorial; o colaboracionismo de parcelas do grupo neoconverso com os holandeses na aventura da tomada do Nordeste brasileiro; a atuação do Santo Ofício em espaços geográficos específicos; os discursos do célebre Padre António Vieira entre o Sebastianismo e o Messianismo judaico; o desempenho dos representantes da Inquisição no Brasil; estudos de caso e trajetórias de neoconvertos. Enfim, uma gama diversificada de olhares acerca dos mundos da Inquisição e dos cristãos-novos.

Ao longo dos capítulos, a autora desfila sua reconhecida erudição, elencando análises e referenciando numerosos estudos de pesquisadores espalhados por todo o mundo dedicados aos estudos sobre a Inquisição e suas vítimas, bem como sobre outras variantes da intolerância ao longo dos tempos. Assim, explana sobre a questão judaica e cristã-nova em Portugal; as identidades religiosas entre exclusões e imposições; a estrutura e o funcionamento do Santo Ofício e a ação de seus representantes; trajetórias, descaminhos, resistências, sucessos e desventuras das vítimas dos tribunais de fé. Mostra, enfim, como a Inquisição e o problema neoconverso moldaram consciências e imaginários, estruturas de poder e de controle, enraizaram preconceitos e contribuíram para um empobrecimento generalizado do reino,

com a saída de capitais e cérebros judaicos de Portugal, bem como deixaram heranças culturais incomensuráveis.

Do macro ao micro, do todo à parte, do geral ao específico, desfila exemplos de como as proibições ao judaísmo e a perseguição aos seus seguidores (fossem reais, fossem suspeitas) criaram uma atmosfera de controle, medo e paranoia, em que qualquer indivíduo poderia ser denunciado, preso, torturado, processado e, no limite, condenado às fogueiras do Braço Secular por suas (nem sempre comprovadas) crenças que iam contra a norma cristã. Novinsky explora o assunto seja ao desvelar a lógica de funcionamento do Santo Ofício e as táticas de convencimento social das ameaças heréticas do outro, “novo”, neófito”, “batizado à força”, seja a partir do olhar particular, de trajetórias individuais e estudos de personagens que acabaram sofrendo na pele o peso da perseguição. Demonstra que o perigo, para além de pairar sob as consciências e amedrontar a todos, se materializava em pessoas reais, que tinham as suas individualidades, as suas vidas e as das suas famílias invadidas, humilhadas, destroçadas em nome da fé.

Mas, por outro lado, a autora demonstra com riqueza de exemplos que o medo da Inquisição não era paralisante, e gerava estratégias variadas de resistência – a flor que sempre brota do caos. É o caso, por exemplo, do capítulo em que discute o papel desempenhado pelas mulheres na sobrevivência do criptojudaísmo, atuando como verdadeiras guardiãs da tradição judaica possível em tempos de perseguição,

dando origem a um judaísmo longe dos rigorismos da tradição, mas que conseguiu sobreviver dentro dos limites e condições postas – oculto, dissimulado, fortemente influenciado pelo discurso das mulheres, verdadeiras “rabis” nesta luta pela resistência; ou do capítulo em que aborda a presença e atuação dos cristãos-novos nas Minas durante o ciclo do ouro, divididos entre a exploração de metais e pedras preciosas, abrindo caminhos e construindo rotas de comércio ao mesmo tempo em que se viam ameaçados pela intensificação da ação dos representantes inquisitoriais na região, através, entre outras medidas, de uma rede capilarizada de familiares do Santo Ofício, levando os neoconvertos a construir redes de proteção e de auxílio. É o caso, ainda, numa visão mais geral, da abordagem sobre o significado do termo Marranismo ou da sobrevivência dos judeus secretos durante os tempos de proibição à liberdade religiosa no mundo português. Resistir em tempos de crise, é lição que liga os tempos da Inquisição com o nosso tempo em que nos ameaçam outras *inquisições*...

A obra cumpre, assim, sua função: ao reunir textos produzidos em momentos distintos de sua carreira acadêmica, a autora mostra o refinamento do olhar sobre temas que frequentou em diferentes situações e com abordagens e interpretações plurais, filho que é o historiador de sua época. Da mesma forma, os textos curtos, embora muito longe de não serem profundos, funcionam tanto como possibilidade pelos pesquisadores do assunto de entender academicamente o “estado da questão”, como uma introdução

do leitor ao tema, ao modo, também, de textos de divulgação – uma vez mais, não vai aqui nenhum sentido de crítica, mas antes um reconhecimento do esforço em alcançar público mais amplo, o que é difícil de fazer com a competência aqui apresentada por Anita Novinsky – instigando a busca de novas leituras, seja de outros autores que investigam os temas tratados na obra, seja na própria produção de Novinsky, aprofundada em outros de seus livros e textos.

Este vasto panorama das diversificadas formas de viver (e sobreviver) em tempos de Inquisição, nos faz percorrer a trajetória da própria autora, e não há aqui nenhuma coincidência, mas antes, um caminho que ela própria ajudou a pavimentar, com os estudos contemporâneos da historiografia brasileira sobre o assunto. Em suas vivências investigativas ao longo de mais de cinquenta anos dedicados ao tema da Inquisição, dos sefarditas e da intolerância, enlaçando os seus escritos, ao mesmo tempo independentes e complementares, com a sensibilidade da compreensão das histórias que se conectam, demonstrando como a atmosfera de medo que reinou na Modernidade lusa deixou marcas indeléveis. Esta, afinal, uma das mais importantes funções do historiador: motivar descobertas, não deixando que o passado seja um porto estrangeiro para o mundo de hoje.

ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS

Universidade Federal de Viçosa – Brasil
Cátedra de Estudos Sefarditas
Alberto Benveniste

Jonathan Karp and Adam Sutcliffe (ed.), *The Cambridge History of Judaism, vol. 7: The Early Modern World, 1500-1815*, Cambridge, Cambridge University Press, 2018, 1136 pp. ISBN: 978-0-521-88904-9. £ 150.

Ao sétimo volume, *The Cambridge History of Judaism* chega finalmente ao período moderno. Este projecto monumental da Cambridge University Press que conta com 35 anos de existência – o primeiro volume da colecção, dedicado ao período persa, foi editado em 1984 – adoptou desde o início o objectivo de providenciar a informação mais completa e de referência dentro do seu âmbito e de perdurar como um importante recurso académico, segundo as palavras dos editores gerais da colecção e coordenadores do primeiro volume, W. D. Davies e Louis Finkelstein. A sucessão dos vários volumes tem sido, porém, irregular – a publicação do oitavo, dedicado à Idade Contemporânea (ed. Mitchell B. Hart e Tony Michels), precedeu o sétimo, e o último volume publicado da colecção foi o sexto, focado no período medieval (ed. Robert Chazan).

A coordenação deste volume ficou a cargo de Jonathan Karp, da State University of New York, e de Adam Sutcliffe, do King's College de Londres, sem dúvida dois nomes de referência no âmbito da história judaica no período moderno, tal como o são os restantes autores dos 41 capítulos que constituem esta obra. A escolha das contribuições e a coerência dos temas e abordagens parecem-nos sólida, porém, julgamos que poderia ter existido uma aposta mais contundente